

ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Larissa Lacerda Menendez

Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Brasil)

Endereço eletrônico: larissa.lacerda@ufma.br

Katriny Pinheiro Ferreira

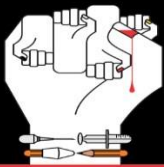
Universidade Federal do Maranhão – UFMA (Brasil)

Endereço eletrônico: kp.ferreira@discente.ufma.br

651

INTRODUÇÃO

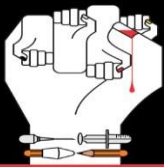
A seguinte pesquisa propõe - se em apresentar algumas observações e reflexões fruto do projeto de pesquisa “Epistemologias das Artes Indígenas: estilos e modalidades” com coordenação e orientação da Dra. Larissa Lacerda Menendez, parte do Departamento de Arte Visuais da Universidade Federal do Maranhão onde é docente. Também houve a contribuição do Grupo de Estudos em Memória, Artes e Etnicidade (GEMAE) na fomentação de ideias e reflexões presentes neste artigo. O principal objetivo do projeto é sistematizar dados sobre arte indígenas produzidas no Brasil a partir de 2020 contemplando tanto produções coletivas quanto individuais e a classificação das mesmas refletindo no processo e impacto desses artistas. Na linha do tempo, a História da Arte sempre manteve sua atenção voltada a produção ocidental europeia tratando objetos artísticos de culturas pouco estudadas como primitivos ou utilitários. A produção indígena no Brasil conta com diversas modalidades tendo artistas com exposições tanto nacionais como no exterior: Feliciano Lana, Jaider Esbell, Denilson Baniwa e outros nomes. Embora protegidas pela Constituição Federal, as populações originárias indígenas no Brasil ainda lutam por autonomia e pela preservação de sua memória e cultura; infelizmente chocando-se com interesses e políticas genocidas que não mudaram com o tempo, mas sim adquiriram novos meios de desumanização e opressão. A arte indígena se manifesta nesse contexto como um mecanismo para que vozes por tanto tempo abafadas sejam ouvidas e atendidas, levando à população uma melhor compreensão da vivência indígena e claro, a apreciação das artes produzidas por artistas indígenas no Brasil. Portanto, torna-se de



suma importância a divulgação da arte indígena dada sua relevância. Além disso, a pesquisa apresenta a arte indígena em um novo contexto, inédito e crescente no circuito artístico brasileiro: objetos valorizados pelo mercado especulativo da arte em contrapartida ao status antropológico de artefato designado a estas produções até então. Essa nova abordagem do mundo da arte em relação a arte indígena traz novas perspectivas a respeito da arte originária. O exemplo analisado nessa pesquisa em específico segue a exposição “Véxoa: Nós Sabemos”, realizada em 2020 na prestigiada Pinacoteca de São Paulo. A exposição além de ter sido realizada no espaço em questão traz a curadoria de Naine Terena, pesquisadora, educadora e artista de origem Terena. Na exposição, 24 artistas e coletivos somente indígenas ocupam o espaço com pinturas, cerâmicas, artes plumárias, vídeos, instalações e outras modalidades. Foi a primeira vez em que uma exposição de tal porte foi realizada com uma curadoria indígena e sediada em uma instituição de brasileira de artes de tamanha relevância. Isso nos leva a questionamentos também não antes realizados, dado o crescente status da arte indígena: a arte indígena sob uma ótica especulativa de arte como “qualquer” outra produção ocidental, a nova leva de artistas indígenas contemporâneos, a criação de nichos/representantes dentro da arte indígena em detrimento de outras vozes e a valorização da arte indígena em um contexto de opressão aos povos indígenas.

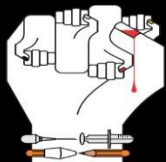
METODOLOGIA

A metodologia utilizada dada a natureza do objeto ocorreu por pesquisa bibliográfica utilizando como referência teórica textos das obras “Arte Primitiva” de Franz Boas”; “Arte e Agência” de Alfred Gell e do catálogo “Véxoa: Nós Sabemos” da Pinacoteca de São Paulo. Outrossim, realizou-se o levantamento bibliográfico sobre artistas e exposições indígenas a partir de 2020 em sites, catálogos e museus indicados pela orientação. A partir desses dados, optou-se pela criação de fichas técnicas em que foram selecionados artistas e exposições contendo a biografia que foi encontrada previamente nas fontes supracitadas, estando esta parte ainda em andamento visto que exposições estão ocorrendo no circuito artístico brasileiro.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arte indígena contemporânea, ao longo dos anos, vem questionando muitos dos parâmetros engessados intrínsecos ao mercado e ciclo artístico. O advento da arte conceitual se consagra na tentativa de romper com os padrões limitantes a criatividade e liberdade. Por muito tempo, entretanto, tanto no Brasil quanto no exterior produções de povos indígenas só se encontravam em espaços considerados antropológicos. A produção indígena no Brasil sempre existiu obtendo visibilidade ou não. Nos últimos anos, artistas como Jaider Esbel, Feliciano Lana, Denilson Baniwa e outros importantes nomes têm levado suas produções para museus prestigiados no cenário artístico nacional e internacional gerando reflexões, apreciação e abrindo espaço para novos nomes da comunidade que continua sendo invisibilizada em suas questões. Naine Terena, em seu texto curatorial sobre Véxoa aponta um dado preocupante: uma instituição que existe desde 1905 como é a Pinacoteca, realizar uma exposição com um acervo e curadoria indígena somente em 2020 é algo a se comemorar? Logicamente, podemos ter aqui a dimensão do tratamento dado as obras indígenas ao longo da história da arte brasileira, por tanto tempo fechada em seu próprio cubículo verde e amarelo. Ainda sobre Véxoa, Terena nos apresenta tais apontamentos explanando a direção em que sua curadoria seguiu e toda a proposta da exibição de 2020. Naquele espaço, seria o protagonismo indígena a ocupar a Pinacoteca sem que mais ninguém tentasse falar pelos povos originários ou roubar suas narrativas. Outrossim, Véxoa não se ateve apenas a discussão da validade e existência de uma arte indígena no Brasil, em contrapartida, nos salienta debates que podem emergir diante de um acontecimento tão significativo quanto esta exposição. Nota-se que é uma evolução dos debates apresentados pelos primeiros teóricos a respeito das produções de povos não ocidentais. E mais importante: esse debate vem de dentro da própria comunidade que entende suas questões, ansiedades e motivações. Vale salientar que a exposição “Véxoa: Nós Sabemos” foi realizada graças ao prêmio Sotheby’s 2019 cuja objetivo é apoiar financeiramente e reconhecer a excelência de propostas curatoriais permitindo a realização de uma exposição. A partir desse contexto é possível compreender



que parte do apoio ao crescimento da arte indígenas em circuitos de prestígio do Brasil vem de um esforço em conjunto de vozes indígenas que buscaram e divulgaram suas iniciativas e, sumariamente, foram ouvidas não aqui no Brasil, mas sim no exterior.

CONCLUSÃO

Baseado nas observações que fizemos durante o processo desse estudo, a arte indígena vem passando por um momento de receptividade no circuito da arte nunca antes visto no Brasil. Retomando as pesquisas de Alfred Gell e Franz Boas, percebeu-se a atualidade das temáticas presentes em seus livros quando nos perguntamos como devemos abordar o objeto da arte indígena por um prisma assertivo às suas especificidades Vexoa: Nós Sabemos, surge trazendo debates necessários não somente a causa indígena, mas a todo o público brasileiro. A exposição entrega otimismo no cenário da arte mas não isenta os percalços necessários para ocupar tais espaços e muito menos esconde as problemáticas do sistema de arte como um todo. No mais, a arte indígena se mais contemporânea e conceitual do que se dá crédito, transporta e transmite saberes, conecta mundos e cosmovisões sem deixar de ser o que é. Assim como Naine Terena disse “a arte indígena sabe de onde vem e para onde vai”.

PALAVRAS-CHAVE: Arte contemporânea indígena. Vexoa. Exposições.

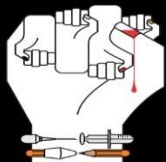
REFERÊNCIAS

BOAS, Franz. Arte Primitiva, Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2015.

GELL, Alfred. Arte e agência: uma teoria antropológica. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. Coleção Agronautas. São Paulo: UBU Editor, 2018.

JAENISCH, D. B. Poéticas e Políticas da Relação: Apontamentos a partir da ação de Ailton Krenak na Assembleia Constituinte e seu deslocamento para espaços de arte contemporânea. *Iluminuras*, v. 18, n. 43, 2017.

LAGROU, Els. Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.



ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim! In: Revista Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan/jul, 2018.

CARVALHO, Z. de J. V. de; MELONIO, D. C. A divisão das belas artes: Kant e Hegel. Griot: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 198–216, 2018. DOI: 10.31977/grirfi.v18i2.979. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/979>. Acesso em: 18 abr. 2022.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Véxoa: Nós Sabemos. [catálogo]. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo. 2020.

Realização:



Apoio:

